

Estudos de Recepção: possível deslocamento para uma epistemologia das interações

Maria Ângela Mattos¹, Rafael Fonseca Drumond²,
Ellen Joyce Marques Barros³, Max Emiliano Oliveira⁴

Resumo

Este artigo tematiza a possível emergência de uma epistemologia das interações nos estudos de recepção, a partir das matrizes teóricas brasileira e latino-americana. Nessa medida, indagamos sobre os deslocamentos sócio-culturais, técnicos e epistemológicos que estão rearticulando as fronteiras entre produtores e receptores. O estatuto do receptor é pensado em face das disposições técnico-midiáticas contemporâneas, inauguradas com as novas mídias. Assim, problematizamos: quais os deslocamentos provocados pela epistemologia interacional no legado da tradição culturalista que fundamenta as teorias das mediações?

Palavras-chave: Estudos de Recepção. Epistemologia das Mediações. Epistemologia das Interações Comunicacionais e/ou Midiatizadas. Deslocamentos das Mediações às Interações. Mudança no Estatuto Do Receptor.

Abstract

This article discusses the possible emergence of an epistemology of interactions in reception studies, from the theoretical Latin American and Brazilian matrices. To that extent, we inquire about the socio-cultural, epistemological and technical dislocations that are rearticulating the boundaries between producers and receivers. The status of the receiver is thought in the face of technical-mediatic contemporary dispositions, opened with the new media. Thus, we ask: what are the displacements caused by the interactional epistemology in the legacy of the culturalist tradition that underlies the theories of mediations?

Keywords: Reception Studies. Epistemology of Mediations. Epistemology of Communicative and/or Midiatized Interactions. Displacements of Mediations to Interactions. Change in the Status of the Receiver.

Questões de partida

O presente artigo foi elaborado a partir de inquietações relacionadas aos movimentos que vêm redesenhando as condições de recepção na contemporaneidade. Diante de uma sociedade cada vez mais midiaticizada, na qual as tecnologias digitais e a convergência de plataformas fortalecem diversas dinâmicas interativas, o receptor

¹ Doutora em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu da PUC Minas. Coordenadora do grupo de pesquisa Campo comunicacional e suas interfaces. E-mail: mattos.maria.angela@gmail.com

² Mestrando em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu da PUC Minas. Email: rafael.drumond@yahoo.com.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Strictu Sensu da PUC Minas. Bolsista Capes. E-mail: ellen_jmb@yahoo.com.br

⁴ Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/Fapemig. E-mail: max88mg@gmail.com

reforça seu caráter de usuário/participante do sistema midiático, indicando, assim, a necessidade de revisão de seu “estatuto”. Dessa forma, problematizamos um possível deslocamento da *epistemologia das mediações* – matriz teórica formativa do pensamento latino-americano sobre os processos de recepção – rumo à *epistemologia das interações* – capital teórico relacionado aos reordenamentos gerados pela consolidação dos processos de mediação e pelo surgimento de novos regimes interacionais.

Partimos do pressuposto de que a diversidade de conceitos, noções, terminologias, derivações e enfoques teóricos vinculados às interações comunicativas amplia e complexifica as problemáticas investigadas pelos estudos de recepção e mediação cultural, o que nos leva a indagar: o lugar cada vez mais central ocupado pela interação comunicativa nos estudos sobre a recepção estaria ofuscando ou substituindo outras dimensões até então priorizadas por essa área de pesquisa? Esses deslocamentos ou migrações implicam em mudanças radicais nas abordagens teórico-metodológicas dos objetos em questão? Em que medida tal movimento estaria contribuindo para a emergência e desenvolvimento de outro paradigma ou de outra epistemologia? E, ainda, esses reordenamentos representam uma ruptura epistemológica mais profunda e abrangente no campo comunicacional? Em outros termos, podemos considerar que o saber comunicacional está sofrendo uma mutação ampla que tem afetado não apenas suas linhas e objetos de investigação, como também, e, sobretudo, o seu próprio estatuto epistêmico?

Destituído da pretensão de responder, em sua globalidade, questões inquietantes como essas, este artigo procura situar o possível deslocamento mediação/interação a partir de dois eixos argumentativos: a) breve trajetória dos estudos de recepção e seus principais referentes histórico-sociais e teórico-conceituais; b) retomada de algumas lacunas e insuficiências apontadas pelos próprios investigadores dessa vertente de pesquisa⁵, bem como suas contribuições para a construção do paradigma interacional ou da epistemologia das interações comunicativas.

Dessa forma, apresentamos, no próximo tópico, alguns elementos que compõem a matriz teórica dos estudos de mediação. Em seguida, discutimos os deslocamentos no campo da recepção em direção aos estudos de mediação e interação mediada. Afinal, seriam as atuais interações uma possibilidade comunicativa que, como coloca Ferrara (2011, p. 10) “faz envelhecer os antigos temas que sedimentaram os estudos culturais”? Estaríamos vivendo um período de apagamento das bordas que distinguem e hierarquizam produtores e receptores?

⁵ Tal retomada não tem a pretensão de abarcar toda a diversidade de posições críticas dos pesquisadores da área em relação aos estudos de recepção e mediação cultural. O recorte teórico proposto incide sobre os estudiosos de referência e autores de textos apresentados aos GTs de “Recepção” e “Epistemologia da Comunicação” da Compós, que têm embasado as discussões e reflexões desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa “Campo Comunicacional e suas Interfaces” (vinculado ao Programa de Pós-Graduação da PUC Minas), no âmbito da metapesquisa, em fase de finalização, intitulada “A construção do capital teórico sobre os processos de interação mediada nos artigos científicos apresentados nos encontros anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) durante a primeira década de 2000”, financiada pela Fapemig.

Justificamos ainda a escolha dos estudos de recepção, em suas proximidades e tensionamentos com a epistemologia das interações, em razão da solidez do patrimônio cognitivo e da memória afetiva mobilizada por essa cultura de pesquisa. Apesar dos reordenamentos suscitados pelas práticas de interação midiaticizada, a recepção, na sua condição de área especializada da Comunicação, caracteriza-se pela consolidação de uma linha consistente de investigação e análise, a partir da qual, por exemplo, fundamenta-se a rubrica “escola latino-americana”. Por intermédio dessa perspectiva, avaliamos que tão importante quanto acompanhar as irrupções do novo – indício de uma consciência que se faz contemporânea –, é a compreensão das dinâmicas que possibilitam a emergência das formas de conhecer. Refletir sobre as matrizes teóricas de qualquer epistemologia significa reconhecer os percursos que historicizam tanto objetos quanto sujeitos do conhecimento. É por essa abordagem que os saberes, ainda que provisórios, retiram do tempo o sentido dos seus devires.

A matriz latino-americana dos capitais teóricos sobre recepção e mediação

A perspectiva sobre as mediações dos processos comunicativos representa um marco para as pesquisas desenvolvidas no campo da recepção, sobretudo, no caso da produção acadêmica brasileira⁶. A matriz teórica latino-americana dinamizou as abordagens socioculturais sobre as práticas midiáticas, afinando-se aos movimentos sociais, políticos, culturais e estéticos que, na virada dos anos 1980 e 1990, sinalizavam mudanças significativas no país. Nesse período, o contexto sócio-histórico do Brasil encontrava-se permeado por modulações que alinhavam a perspectiva endêmica das mediações à politização dos estudos sociais, no caso, por meio do reconhecimento da expressividade significativa dos processos de recepção.

Assim, aponta-se que, até os anos de 1980, de forma geral, os estudos de recepção latino-americanos caracterizavam-se por um discurso emancipatório frente à economia simbólica que definia um regime de importação teórica em relação aos países desenvolvidos. Entretanto, ao final dessa década, aliado à ideologia da resistência subcontinental, deflagrou-se outro processo, este marcado pela assunção de discursos mais afirmativos do que propriamente denunciastas.

⁶ A partir de uma metapesquisa sobre os estudos de recepção (teses e dissertações dos anos de 1990), Jacks e Menezes (2007) apontam o predomínio da matriz latino-americana e da abordagem sociocultural na composição do referencial teórico-empírico das pesquisas analisadas. Por essa perspectiva, toma-se a recepção como processo complexo e multimediado. Segundo as autoras, as “principais mediações que constroem este processo são: identidade cultural, valores, vivência cotidiana, contextos sócio-históricos, classe, idade, escolaridade, gênero, família e instituições em geral, além de critérios individuais, como caráter e personalidade, etc.” (JACKS; MENEZES, 2007, p.1). Recentemente, Jacks, John e Silva (2012) apresentaram uma análise semelhante, referente agora ao período compreendido entre 2000 e 2009, a partir da qual apontaram, além do lento crescimento dos estudos de recepção, a manutenção do panorama verificado na década de 1990.

Para um país que ainda engatinhava no campo da estabilidade política e econômica, a afirmação a nível nacional veio a partir da dimensão da cultura, ou seja, por meio do olhar plural sobre o *bios* heterogêneo que marcava as temporalidades sociais e domésticas do Brasil. Nessa angulação, o país foi acionado na condição de agente coletivo, definido, *grosso modo*, como espaço sincrético de manifestações plurais, de hibridismos singulares e intensa mestiçagem. Também foram tematizadas as relações de classe que atravessavam a malha social brasileira, marcadas não apenas pela distinção simbólico-material da constituição de imaginários e das práticas de consumo, mas também pela inserção dos diversos estratos sociais em uma mesma estrutura significante.

Considera-se ainda que, no interior de cada estado ou região do Brasil, diferentes grupos de pesquisa passaram a se engajar nos estudos locais, voltados para análise da construção compartilhada das identidades e da memória coletiva, além de outras formas de mediações étnico-culturais. Por fim, os sujeitos e os atores sociais tornaram-se o foco de uma série de pesquisas e abordagens, que, a partir do desenvolvimento de uma apropriação mais teórica do que propriamente empírico-metodológica, encontra no(s) indivíduo(s) uma categoria privilegiada de análise dos processos comunicacionais.

A rota esboçada anteriormente – povo brasileiro/ grupos ou “subculturas”/ sujeitos e atores sociais – atende boa parte do recorte teórico-empírico adotado pelos estudos de recepção nesse período, sendo mais característico da década de 1990 a preocupação com o “sujeito real”. Essa mudança ou ajuste de foco – o sujeito não mais como “o lado oculto do receptor”⁷ – deve-se, em primeiro lugar, à percepção do equívoco de olhar a recepção como um campo autônomo e isolado do processo comunicacional. Nesse sentido, tal ajuste, ainda em curso, ocorreria a partir do momento em que a recepção fosse vinculada ao próprio nexos comunicativo, o que remete à compreensão, sempre porosa, sobre o que entendemos como comunicação na vida contemporânea. Além disso, destaca-se a crescente sofisticação teórico-metodológica como fator de aproximação das pesquisas de recepção às práticas sociocomunicacionais amplas, agora, menos tributárias às dinâmicas hegemônicas das mídias massivas. Nesse curso, o próprio advento das tecnologias digitais representou um ganho aos estudos de recepção, tendo em vista a possibilidade de inscrição, no campo da web, dos processos de participação midiática dos sujeitos ordinários.

Destacamos ainda que a abordagem sobre as mediações abarca o contexto da recepção de maneira holística, sendo o Modelo das Multimediações, de Guillermo Orozco, bastante representativo desse esforço. Nessa medida, conforme apontado por Escosteguy, nas dissertações e teses produzidas sobre a recepção nos anos de 1990, a

⁷ Para Sousa (2006), a expressão “o lado oculto do receptor” se relaciona à dimensão oculta e ignorada da recepção atribuída pelas correntes fundadoras do pensamento comunicacional – o modelo cibernético, o enfoque empírico funcionalista e o modelo estrutural – presentes nos estudos de Comunicação, sobretudo, entre os anos de 1950 e 1970.

incorporação das mediações de referência deu-se a partir da “justaposição de distintas características, por exemplo, a classe social, o gênero, a geração, entre outros elementos, que aparecem compondo uma caracterização do receptor”. (ESCOSTEGUY, 2003, p.11). Dessa forma, constitui-se um capital teórico voltado para interseção das múltiplas instâncias de mediação, o que não exclui os trabalhos centrados em um conjunto específico de condições mediativas. Nesse segundo sentido, destacamos as abordagens teórico-metodológicas voltadas para as comunidades de sentido e/ou de pertencimento, orientadas pela análise do compartilhamento de condições afins de significação (a partir da classe social, gênero, geração, contexto – rural/urbano –, identidade nacional, regional, étnica).

A partir desse resgate, ressalvamos que, dentro da trajetória do campo comunicacional, as pesquisas em recepção e as teorias mediativas desenvolveram-se com uma disposição francamente política. A inscrição da subjetividade no campo da significação representava mais do que o simples reconhecimento da capacidade humana de processar símbolos e gerar entendimentos situacionalizados, ou seja, não se tratava de reavivar, na base da *mimeses*, a tensão entre o funcionalismo e a Teoria Crítica, e, ainda menos, da simples apropriação das perspectivas sociológicas e culturalistas que já advogavam em prol da produção socialmente compartilhada e subjetivamente negociada de sentidos. O que se colocava em relevo era o deslocamento político em prol da revisão do estatuto do “receptor”, que, até então, havia sido “dessocializado”⁸ por algumas correntes de estudo norte-americanas e europeias⁹ (MARTÍN-BARBERO, 1995). Nessa medida, a matriz latino-americana desempenhou um papel fundamental na politização do pensamento comunicacional, situando-o na tradição histórica, social e cultural do subcontinente, com ênfase nos imbricamentos entre os movimentos de modernização tardia e os fluxos acelerados de midiaticização.

Por essa angulação, pontuamos que a recorrência das perspectivas culturalistas nos estudos de recepção evidencia um esforço de “reparação” frente às perspectivas de dessocialização e/ou apagamento do receptor. Apesar das condições propícias oferecidas pelo contexto sócio-histórico do período (redemocratização do país, liberdade de expressão, movimentos sociais), o reconhecimento de dinâmicas socioculturais não eram, necessariamente, “novidades” – como, por exemplo, a recepção ativa, a atuação dos processos mediativos, os movimentos de afirmação étnica, entre outros. Assim, o fundamento da matriz latino-americana foi, em parte, subsidiado por uma tomada de

⁸ Martín-Barbero (1995) indaga sobre o paradoxo dos estudos comunicacionais que, pautados por uma concepção crítica da sociedade, politizavam meios e mensagens, mas, por outro lado, adotavam uma visão moralista do receptor, tomando-o apenas como indivíduo “em si” e desprotegido. Questiona o teórico: “Como puderam fundir a radical politização quanto aos donos dos meios, e os artifícios da mensagem, com a dessocialização do receptor, concebido apenas como indivíduo isolado?” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p.41).

⁹ Vale ressaltar que o Interacionismo Simbólico e os Estudos Culturais, apesar da origem norte-americana e europeia, respectivamente, são seminais na constituição de um campo de pesquisa ocupado com o movimento de socialização dos sujeitos, o que, a princípio, amortiza os efeitos reducionistas e generalizantes das vertentes mecanicistas, informacionalistas e/ou estruturalistas da Comunicação.

consciência frente à trajetória interna do campo, sendo a epistemologia das mediações bastante expressiva do esforço de superação do midiacentrismo comunicacional.

Em outra medida, as emergências interacionais da atual ecologia midiática deflagram formas inéditas de experimentação e vinculação social, o que determina uma demanda por deslocamentos teórico-conceituais de outra ordem: para além das dinâmicas internas do campo, desponta-se a necessidade de olhar para as transformações que se dão em nível lato, que redimensionam a *ratio* social, e, assim, fornecem outros sentidos para ser, estar e (re)conhecer o mundo.

Assim, da mesma forma que, em décadas anteriores, o conceito de mediação atendeu ao propósito político-epistemológico de revisão da partilha dos significantes socioculturais, o conceito de interação vem sendo gestado de modo análogo. Vale ressaltar que o entendimento sobre a dimensão interacional das práticas comunicativas não surgiu no século XXI. Não obstante, a tecnicidade mediadora dos dias atuais permite, como nunca, a experimentação midiaticizada de intercâmbios sincronizados no tempo e espacialmente dispersos, isto é, um regime intenso de interatividades sociais.

Por essa perspectiva, avançaremos na discussão sobre a possível emergência de uma epistemologia das interações, buscando situá-la no contexto das pesquisas de recepção. Propomos uma reflexão a partir de deslocamentos verificados, inclusive, na produção dos autores seminais para os estudos de mediação. Enfocaremos algumas contribuições teóricas que apontam para a processualidade das interações midiaticizadas, apostando, assim, na circularidade e na geração de vínculos como sentido das práticas comunicativas.

Deslocamentos conceituais nos estudos de recepção e mediação em direção à epistemologia das interações

O título do texto de Ana Carolina Escosteguy, “Quando a recepção já não alcança” (2008), além de sugestivo, é emblemático das insuficiências e lacunas dos preceitos e fundamentos dessa vertente de pesquisa. Inspirada no pensamento culturalista inglês, sobretudo em Stuart Hall, o principal argumento defendido por Escosteguy é que o espaço da produção – o texto midiático mais precisamente – e o espaço da recepção não receberam atenção equilibrada por parte da grande maioria das pesquisas. Diante disso, a autora propõe que a comunicação seja investigada a partir dos atores sociais, de suas identidades e das relações entre cultura e poder, notadamente, a partir do “circuito da cultura” por integrar diversos momentos do processo de produção de sentidos – Produção, Consumo, Representação, Identidade e Regulação¹⁰.

¹⁰ Escosteguy justifica esta proposição culturalista ao evidenciar que a relação entre cultura e economia e vice-versa está cada vez mais entranhada no contexto atual; daí a valorização de uma nova categoria contemplada no “circuito da cultura” – a Regulação, na qual o poder e o controle sobre o sujeito assumem posições centrais.

Percebemos, porém, que não se trata de nova proposição no âmbito dos estudos culturais ingleses e latino-americanos, sendo que, nestes últimos, tal perspectiva se manifestou com mais vigor a partir da proposta de Martín-Barbero sobre o deslocamento dos meios às mediações culturais. Contudo, se antes alguns críticos da teoria das mediações assinalavam a confusão que se fazia entre Comunicação e Cultura, visto a migração do olhar da comunicação para os sentidos que a transcendem, particularmente a diluição do comunicacional nas dinâmicas socioculturais – como apontado por Braga (2011), Sodré (2002), Marcondes Filho (2008), Signates (2006) –, na abordagem sobre os circuitos culturais, Stuart Hall (1997) e Paul du Gay (2000), citados por Escosteguy (2008), reivindicam a articulação entre Cultura e Economia para apreender a dinâmica do processo de produção de sentidos. Nessa ótica, a crítica de Marcondes Filho (2008, p. 71) de que na teoria das mediações “a comunicação é apenas um álibi dentro de um discurso que em sua intencionalidade, é de natureza genuinamente política” continua tendo validade, sobretudo nos estudos de recepção que privilegiam questões teóricas de ordem sociológica, deixando em segundo plano a angulação comunicacional.

Importante destacar que, a partir da década de 2000, Martín-Barbero propõe outro deslocamento, particularmente a migração das mediações culturais para as mediações comunicativas da cultura. Para o autor, o lugar da cultura na sociedade atual muda radicalmente quando a “mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 228). Com isso, o autor assume não a prioridade dos meios no sentido de inverter os termos da proposição de sua primeira teoria, mas a ideia de que a comunicação está se transformando em protagonista da vida social contemporânea.

Para Martín-Barbero, não se trata de simples inversão do exercício teórico no sentido de “ir das mediações aos meios”, e sim da cultura à comunicação, concebendo-a claramente como um processo de interação – a comunicação-interação –, que “possibilita a interface de todos os sentidos, portanto, é uma intermedialidade, um conceito para pensar a hibridação das linguagens e dos meios”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 153). Na avaliação de Braga (2012), tal inversão se aproxima de forma significativa do sentido que ele atribui ao termo *mediatização*, concebida como uma nova ordem comunicacional, um processo que engloba todos os campos sociais que são instados a atuar nas práticas comunicativas.

Nesse sentido, questionamos se poderíamos considerar outro movimento de migração, dessa vez, das mediações para a *mediatização*. Na percepção de Silva (2012), sim, pois ao reconhecer a centralidade da comunicação, Martín-Barbero considera que “as mídias passaram a constituir espaço-chave de condensação e interseção da produção e consumo cultural”. (MARTÍN-BARBERO *apud* SILVA, 2012, p. 112). Ao assumir esse deslocamento, Silva argumenta que não se trata mais ou apenas de abandonar

o midiacentrismo ou romper com a redução da problemática da comunicação às tecnologias, mas o desafio agora é de outra ordem: “o de pensar e compreender esse estágio ou estado de mediação”. (SILVA, 2012, p. 112).

Braga (2006) entende que a mediação está se tornando um “processo interacional de referência”, tendencialmente prevaiente em relação às demais formas de interação social. Mesmo considerando que os regimes interacionais mais longamente estabelecidos – como, por exemplo, a oralidade e a escrita – continuam a definir padrões de comunicação, tais processos, segundo o autor, se deslocam para modos mais diversificados e complexos. E, ainda que os meios e as mediações socioculturais sejam processos constitutivos da mediação, essas instâncias por si só não são suficientes para a compreensão das novas dinâmicas da comunicação nas sociedades atuais. Daí o investimento de Braga, desde o início da década de 2000, em construir modelos interpretativos, quer dizer, teorias tentativas sobre o fenômeno da interação mediada, também chamado de sistema de resposta social, ou ainda, de circulação interacional¹¹.

No contexto dos estudos de comunicação que enfatizavam os meios, a circulação era concebida como mera passagem de algo do emissor para o receptor. A preocupação era verificar se havia ou não correspondência e identidade entre esses dois polos. A partir do momento em que se considera o receptor como um sujeito ativo do processo comunicacional, a circulação passa a ser vista como espaço de reconhecimento e de desvios produzidos pelas dinâmicas de apropriação, o que na avaliação de Braga (2012), conforma uma ambiência com mais possibilidades de ocorrência interacional. A circulação é, então, transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento. Para Fausto Neto (2009), não há dúvidas de que estamos diante de novos modos de vínculos interacionais, com a emergência de processos midiáticos constituídos em torno de novos fluxos e produtos que, mesmo vinculados às plataformas regulatórias do sistema produtivo, apontam para a existência de enunciantes – receptores/usuários/interagentes – que se deslocam para outras atividades enunciativas, atuando como coprodutores da informação.

Em face dessas mudanças na arquitetura comunicacional contemporânea, o próprio termo receptor é, mais do que nunca, questionado, embora as práticas de recepção continuem condicionadas à lógica do sistema produtivo hegemônico. A ruptura com a concepção passiva do receptor se acirra com o advento da comunicação em rede, colocando em xeque a perspectiva dicotômica entre produção e recepção. Na cibercultura, em diversas situações, essa distinção de polos é inconcebível, pois o papel do receptor se altera a partir das múltiplas condições de produção simbólica. Dessa

¹¹ Na percepção de Silva (2012), Braga acolhe o conceito de mediação para pensar como enfrentar, em termos epistemológicos, a disjunção entre mídia e interação. Isso porque ele unifica o mediado e o não-mediado por meio do conceito de interação.

forma, a expressão “receptor” passa a ser substituída por várias outras, quais sejam: sujeitos da comunicação, interagentes, interatores, comunicantes, co-produtores, interlocutores etc.

De acordo com Orozco (2011), o trânsito possível e desejável de receptores a produtores e emissores – que não é automático – talvez seja uma das mudanças sociais mais relevantes hoje em dia, manifestando-se como uma espécie de epicentro de outras mudanças no modo de “estar como espectadores”. Convoca-se, assim, o conceito de interação para se compreender a conformação e negociação de identidades, a produção da informação e a manifestação das práticas culturais, o que evidencia a emergência e desenvolvimento de uma cultura de participação das audiências no processo comunicacional.

De acordo com Lopes (2011) os movimentos atuais dos estudos de recepção incluem os processos de produção, distribuição e recepção/fruição dos conteúdos midiáticos, gestando assim, essa *cultura participativa* com foco no envolvimento das audiências. *Grosso modo*, o conceito de cultura participativa joga luz sobre o engajamento dos sujeitos nos processos de interação, isto é, em quais condições os conteúdos midiáticos são produzidos e (re)significados, como os sujeitos são instados a participarem ativamente do processo de comunicação, em última instância, a questão central é investigar as novas formas de interação dos sujeitos com os meios e dispositivos sócio-técnicos. Inaugura-se assim, uma perspectiva dos estudos de recepção em que se destacam os “processos de engajamento interativo com as novas mídias”, a partir dos quais é possível analisar o conteúdo gerado pelo usuário. (LOPES, 2011, p. 417).

Orozco (2011) chama a atenção para a transformação das audiências receptoras em audiências produtoras, deslocando, por conseguinte, o eixo de preocupação dos estudos comunicacionais, até então direcionados às dinâmicas de reinterpretação, ressemantização e desconstrução dos produtos simbólicos, em direção às práticas de recriação e transformação da produção midiática. Percebe-se que a participação e a interação são dimensões preponderantes da multiplicidade de papéis e lugares ocupados pelo receptor nos processos de produção dos *media*, seja atuando como criador e produtor, ou ainda como co-autor, como também se mantendo na posição de receptor, ainda que não visto mais como um sujeito passivo e inerte.

Assim, as formas de participação em diversos meios e ambientes comunicacionais têm sido a preocupação central dos pesquisadores de recepção na América Latina, como afirma Lopes (2011) – o que, na avaliação da autora, vai além da proposta contida no modelo *Encoding/Decoding* de Stuart Hall. Lopes lança um novo desafio: a necessidade de se ajustar o foco da pesquisa de recepção com a sociedade em rede e a ecologia dos meios. “Nela, é possível destacar, em princípio, dois momentos nas relações da audiência com a mídia: antes e após a entrada da participação do receptor nos processos que incentivam a transmidiação e a interatividade”. (LOPES, 2011, p. 409).

Vale, entretanto, ressaltar que esse contexto de novas interacionalidades midiáticas não se esgota nas ambiências e possibilidades sociotécnicas. Nessa direção, Braga (2012) aponta o risco da compreensão que atrela as expressões “mídiação” e “interação midiática” aos processos estritamente midiáticos e aos aparatos tecnológicos. De acordo com a perspectiva do autor, os olhares analíticos devem se voltar para a forma como a sociedade apreende reflexivamente seus processos comunicativos, criando ao mesmo tempo mecanismos “tentativos” de experimentação, enfrentamento e interação com os meios. Identifica-se aí forte convergência de perspectivas entre os estudiosos da mídiação, da mediação e recepção no campo acadêmico da Comunicação na atualidade.

Longe, portanto, de fazer contraposição entre termos – recepção, mediação, interação –, Braga entende que a mídiação representa a principal mediação de todos os processos sociais e, nessa direção, apresenta uma proposta instigante e provocativa que nos leva a repensar a constituição da própria episteme comunicacional:

Acredito que isso corrobora e desdobra a proposição de Jesús Martín-Barbero [...] de que tendo inicialmente tratado das “mediações culturais da comunicação”, começou depois a pensar as “mediações comunicativas da cultura”. São os processos da mídiação que hoje delinham e caracterizam, crescentemente, as mediações comunicativas da sociedade. (BRAGA, 2012, p. 51). (Grifo nosso).

A nosso ver, tal deslocamento representa um avanço no percurso epistemológico da Comunicação face à aproximação de perspectivas distintas, porém, complementares e convergentes rumo a uma possível epistemologia das interações comunicacionais e/ou midiáticas. Nesse sentido, a mediação comunicativa vista pelo ângulo da sociedade contribui para retomar e atualizar uma antiga discussão sobre a centralidade da comunicação na vida social, só que com uma visão mais holística e multidimensional. Centralidade que engloba tanto o nível estrutural (político-mercantil) quanto o interpessoal e emocional dos atores sociais, articulando, ao mesmo tempo, racionalidade e afetividade, combinação imprescindível, segundo Orozco (2011), para o agenciamento das audiências na condição de cidadãos. Trata-se, no entendimento desse autor, da assunção do poder como intercâmbio das interações, por meio do discurso, seus gêneros e formatos e interpenetração dos processos de mediação tecnológica, cultural, política e econômica.

Outra contribuição significativa para pensarmos uma possível epistemologia das interações diz respeito às reflexões desenvolvidas por Ferrara (2012) desde o início da década de 2000, mais precisamente em seus *papers* apresentados ao GT de Epistemologia da Comunicação da Compós. Segundo a autora, a comunicação se transforma em experiência humana na qual os indivíduos trocam de papéis a todo tempo, numa circularidade própria do caráter “vinculativo” do processo comunicacional. Dessa forma, os repertórios culturais dos diversos atores envolvidos

são tensionados, operando processos dialógicos e tradutórios entre culturas. Sob esse prisma, Ferrara nos convoca a construir uma concepção de comunicação de “muitos para muitos”, o que acarreta a rarefação do foco emissor, a imponderabilidade da recepção e a compressão espaço-tempo, alterando distâncias e durações: o espaço planetário é aqui e o tempo é agora, real.

Importante ressaltar que essa visada epistemológica reflete uma mudança significativa na experiência comunicacional do receptor na contemporaneidade, que tende a estabelecer múltiplas ligações com a realidade e atuar como participante de uma cultura que o atinge e que ele próprio ajuda a construir. (FERRARA, 2006). Embora não se deva considerar que as interações sejam decorrências exclusivas das tecnologias digitais, a autora entende que estas estimulam as relações vinculativas entre interlocutores, para, assim, propor uma epistemologia que consiga processar o conhecimento mediante a praxiologia dos processos comunicativos.

Frente a esse cenário de profusões teórico-empíricas sobre os fenômenos midiáticos, apontamos o caráter difuso, amplo e complexo da epistemologia das interações, o que nos solicita a articulação de diversos capitais teóricos para apreensão das atuais condições comunicativas de produção dos sentidos sociais. Depreendemos, portanto, a importância de aprofundarmos o campo dessa investigação, a fim de enriquecer a arqueologia dos saberes interacionais, assim como identificar abordagens e autores contemporâneos que se dedicam aos estudos sobre as experiências comunicativas em diversos ambientes midiáticos.

Considerações finais

Os deslocamentos epistemológicos sinalizados ao longo deste artigo apontam para as tensões que, em primeira instância, constituem a natureza própria do objeto comunicacional. Como alerta França (2001, p.5), os “objetos de conhecimento não equivalem às coisas do mundo, mas são antes formas de conhecê-las”. Assim, a interação passa a ser compreendida como uma perspectiva sob a qual os demais fenômenos sociais podem ser observados a partir de um olhar próprio da Comunicação. Essa abordagem torna oportuna a reflexão sobre as premissas epistemológicas que organizam os capitais teóricos articulados pelo campo da recepção.

Contribuindo para essa abordagem, Ferrara (2006) desenvolve uma discussão ligada à constituição de uma epistemologia da comunicação atenta a dupla face Comunicar e Semiotizar. A autora distingue e analisa duas fases dessa epistemologia: a primeira é “*funcional relacional*” e a segunda é “*vinculativa veiculativa*”. Ambas as fases pressupõem interação, mas a primeira é regida por uma lógica linear, instrumental, funcional e, de certa forma, ingênua da comunicação em que o receptor é entendido como passivo, enquanto a segunda entende a comunicação como um processo complexo em que os envolvidos trocam de papéis todo o tempo, numa circularidade

própria do caráter “vinculativo”. Essa vinculação se dá pelo atrito entre os repertórios culturais dos interlocutores através dos quais ocorre operação tradutória entre culturas em diálogo. Assim, a partir das diferenças, “emissor e receptor se superpõem, se tangenciam e se atritam na troca constante de papéis em processo e em circularidade”. (FERRARA, 2006, p.5). Ou seja, têm-se uma operação interacional, contínua e processual que substitui a linearidade da primeira fase.

O papel da dimensão semiótica do processo comunicativo fornece importante contribuição para a construção da epistemologia da interação, pois vai muito além de um mero instrumento ou função, “porque se propõe superar uma estrutura unívoca para gerar um contínuo que vai do signo à comunicação”. Assim, a relação emissor-receptor é marcada pelas “diferenças e heterogeneidades sociais e culturais que se deixam registrar semioticamente nos seus vínculos”. (FERRARA, 2006, p.6). Portanto, emissor e receptor passam a ser entendidos como agentes ativos no processo comunicativo. Além disso, as mídias e as tecnologias são vistas como constituintes de um modelo complexo, sendo responsáveis pela mediação, que segundo a autora designaria “a interação produzida pela característica vinculativa da comunicação”. (FERRARA, 2006, p.11).

Dessa forma, a possível emergência de uma epistemologia das interações comunicativas e/ou mediadas indica a pertinência de tematizarmos, tal como Braga, as “mediações comunicativas da sociedade”, tendo em vista a centralidade social dos processos de interação. A nova ecologia midiática, mais aberta à participação dos atores sociais, vem redefinindo os modos de produção e compartilhamento simbólicos, tanto no âmbito das experiências mediadas quanto no campo da produção do conhecimento científico.

Por fim, frisamos que o entendimento sobre as interações configura-se como o próprio objeto comunicacional, ou seja, não é possível a concepção de uma prática comunicativa isenta de um processo de interacionalidade. Posto isto, questionamos a pertinência da contraposição que polariza os processos mediativos e interativos, tendo em vista a natureza distinta, porém, não excludente de ambos. Afinal, toda mediação é interativa, e vice-versa, assim como rara é a interação que se descole dos ambientes socioculturais mediados. Entretanto, apontamos a necessidade de avançarmos na direção de outros lugares de interpretação e análise dos processos de recepção: não no propósito de abandonar ou criticar os percursos epistemológicos que norteiam esse campo de pesquisa, mas, principalmente, no sentido de acompanhar os sinalizadores de novos tempos e a emergência de outros objetos de estudo.

Referências

BRAGA, José Luiz. *Interação & Recepção*. Texto apresentado ao GT Mídia e Recepção, do IX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Porto Alegre: 2000.

BRAGA, José. Luiz. *Mediatização como processo interacional de referência*. Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do XV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Bauru: 2006.

BRAGA, José Luiz. *Constituição do Campo da Comunicação*. Verso e Reverso, São Leopoldo, RS. V. 25, n. 58, jan/abr. 2011. Disponível em: www.versoereverso.unisinos.br > anteriores > v. 25, n. 58, ano XXV – 2011/1>. Acesso em 06 fev. 2013.

BRAGA, José Luiz. *Circuitos versus campos sociais*. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). *Mediação & Miatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós. 2012, p. 31-52.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção dos anos 90*. Texto apresentado ao GT Mídia e Recepção, do XII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Recife: 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Quando a recepção já não alcança: por uma revisão no objeto e método*. Texto apresentado ao GT Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos, do XVII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). São Paulo: 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. *Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação*. Texto apresentado ao GT Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos, do XVIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Belo Horizonte: 2009.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. *Comunicar e semiotizar*. Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do XV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Bauru: 2006.

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. *A Comunicação entre mediações e interações*. Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do XX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Porto Alegre: 2011.

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. *A Comunicação entre hábito e consciência*. Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Juiz de Fora: 2012.

FRANÇA, Vera V. *Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?* Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do X Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Brasília: 2001.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. *La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red*. In: JACKS, Nilda, et al. (orgs.). *Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro*. Quito-Ecuador: Editorial “Quipus”, CIESPAL, 2011.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane. *Públicos, audiências e receptores: análise das pesquisas da década de 1990*. Texto apresentado ao GT Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos, do XVI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Curitiba: 2007.

JACKS, Nilda; JOHN, Valquíria Michela; SILVA, Lourdes Ana Pereira. *Estudos de Recepção no Brasil: panorama da última década*. Texto apresentado ao GT Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos, do XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Juiz de Fora: 2012.

LOPES, Maria Immacolata V. de. *Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina*. In: JACKS, Nilda, et al. (orgs.). *Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro*. Quito-Ecuador: Editorial "Quipus", CIESPAL, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. Martín-Barbero, Canclini e Orozco. *Os impasses de uma teoria da comunicação latino-americana*. Revista Famecos, Porto Alegre, V. I, n. 35, abr. 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*. In: SOUSA, Mauro Wilton (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Braziliense, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Uma Aventura Epistemológica*. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. MATRIZES. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 2, n. 2, jan./jun. 2009, p. 143-162.

SIGNATES, Luiz. *Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação*. In: SOUSA, Wilton de (org.). *Recepção Mediática e Espaço Público*. Novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 55-79.

SILVA, Gislene. *Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiatização?* In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. *Mediação & Midiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós 2012, p. 107-112.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

SOUSA, Wilton de. *A recepção sendo reinterpretada*. In: SOUSA, Wilton de (org.). *Recepção Mediática e Espaço Público*. Novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.